

**O contato linguístico e cultural entre o grego e o latim: reflexos na constituição da disciplina gramatical em Roma**

Fábio Fortes (FALE/UFJF)

Fernando Adão de Sá Freitas (PPG Linguística/UFJF)

**RESUMO:**

O presente trabalho pretende apresentar como o contato linguístico entre o grego e o latim foi condicionante para o desenvolvimento da disciplina gramatical em Roma. Para esse propósito, usamos referências presentes em Quintiliano, Tácito e Suetônio quanto à noção de empréstimo linguístico e quanto ao ofício dos gramáticos na Antiguidade, bem como do *utraque lingua*. Nossos resultados demonstram que os antigos romanos e gregos buscavam responder questões sobre a linguagem, recorrendo não só ao contato linguístico estabelecido entre eles, mas também através do contato cultural. Os pressupostos teóricos que fundamentam nosso trabalho foram retirados dos trabalhos de Calvet (2002), Baratin (1989), Law (1987), Adams (2004) e Desbordes (2007).

Palavras-chave: gramática antiga; empréstimo; contato linguístico

**Introdução**

O presente trabalho pretende apresentar, de forma breve, como referências ao “contato linguístico<sup>1</sup>” entre o grego e o latim, presentes em Quintiliano, Suetônio e Tácito, eram reflexos da constituição da disciplina gramatical em Roma, e das práticas desse ofício. Para isso, retomaremos informações que vão desde a “transferência tecnológica” (AUROUX, 1992) da técnica gramatical de Grécia para Roma, no período helenístico, até sua consolidação enquanto disciplina escolar, no início do Império, de cujo ponto de vista falam os autores antigos citados.

Do modo mais específico, temos como meta avaliar a influência da língua e da cultura grega como um fenômeno relacionado à identidade cultural latina, através do fenômeno do *utraque lingua* (“uma e outra língua”), através de dois aspectos principais: a noção de “empréstimos” entre uma língua e outra (conforme veremos em Quintiliano) e as reflexões sobre o ensino de gramática (conforme veremos em Suetônio, Tácito e, novamente, Quintiliano).

Os pressupostos teóricos que fundamentam nosso trabalho encontram-se, sobretudo, nas observações feitas por Calvet (2002), ao pontuar a importância do conceito de “empréstimo” (*borrowing*) linguístico para uma comunidade que mantém relações linguístico-culturais próximas, como era o caso das culturas grega e latina. Além das observações de Calvet, utilizamo-nos também das reflexões sobre bilinguismo e terminologia gramatical grega e latina presentes em Adams (2004) e as reflexões já consolidadas em torno

---

<sup>1</sup>Cf. Hamers & Blanc (2000, p. 6), “By ‘languages in contact’ we mean ‘the use of two or more codes in interpersonal and intergroup relations as well as the psychological state of an individual who uses more than one language’”. (Tradução nossa)

do discurso gramatical antigo presentes em Desbordes (2007), Baratin (1989, 1994) e Law (1987, 1993b).

## 1. A gramática antiga: considerações preliminares

A gramática antiga<sup>2</sup> é oriunda de estudos que tiveram seu florescimento com os filólogos alexandrinos no século III a.C. O objetivo principal da filologia era o de explicar e preservar os textos, mais especificamente, os textos poéticos (NEVES, 1987). Além disso, a disciplina gramatical desenvolveu-se como o resultado de um longo processo vinculado, inicialmente, ao surgimento e consolidação de práticas e ofícios vinculados à linguagem<sup>3</sup>, não só derivado das especulações de caráter filosófico em torno da linguagem<sup>4</sup>, mas também das investigações metalinguísticas desenvolvidas pelos estudiosos alexandrinos (AUROUX, 1992; DESBORDES, 2007).

O período helenístico caracterizou-se pela dissolução das cidades-estado gregas, por uma crise no seu sistema político e por intensas transformações sociais propiciadas pelos contatos entre povos e culturas diferentes, provocados pela expansão do império alexandrino e, posteriormente, romano. Consequentemente, com a crise política, veio a crise da cultura. Assim, a elaboração de técnicas (τέχναι) como, por exemplo, as técnicas retóricas e gramaticais, visava à manutenção e a preservação da cultura helênica frente às mudanças da época, ocasionadas pelo multiculturalismo cada vez mais evidente em decorrência dessas expansões políticas (JAEGER, 1995; MARROU, 1975; NEVES, 1987).

Além dos fatores históricos, outras características colaboraram para a cultura de estudo e preservação da cultura helênica através da constituição de disciplinas técnicas. Um dos principais fatores apontados por Neves (1987) para o esforço de preservação dos textos literários foi, principalmente, o fato de que, no período helenístico, parcelas da população já encontravam dificuldades para fazer a leitura dos textos escritos, “especialmente a língua do passado, mais especificamente à língua literária” (NEVES, 1987, p. 105). Esse fator, que impedia, de certa forma, a leitura e a interpretação de textos escritos em grego clássico, como, por exemplo, os diálogos filosóficos de Platão, os tratados de Aristóteles, bem como os textos homéricos, a *Iliada* e a *Odisseia*, revelou-se um grave problema para os gregos, já que toda a formação educacional e cultural do homem grego (a sua παιδεία) estava baseada nesse cânon literário (HAVELOCK, 1963).

---

<sup>2</sup>É importante destacar que: “em nossos dias a gramática é antes de tudo uma técnica escolar destinada às crianças que dominam mal sua língua ou que aprendem uma língua estrangeira. Isto se deve tanto ao desenvolvimento do sistema escolar quanto ao da gramática. Em tempos remotos, nunca se teve espontaneamente a ideia de fazer uma *gramática* – um corpo de regras explicando como construir palavras, mesmo que de forma implícita de paradigmas – para aprender a falar”. (AUROUX, 1992, p. 25).

<sup>3</sup>Conforme Auroux (1992, p. 20) apresenta: “o processo de aparecimento da escrita é um processo de objetivação da linguagem, isto é, de representação metalinguística considerável e sem equivalente anterior. Ele precisa do aparecimento de técnicas autônomas e inteiramente artificiais; ele produz o aparecimento de um dos primeiros *ofícios da linguagem* na história da humanidade, e provavelmente (faltam-nos informações) o aparecimento das tradições pedagógicas. Mas se a escrita desempenha um papel fundamental na origem das tradições linguísticas, não é porque ela seria nela mesma um saber linguístico novo, é no curso de um processo histórico complexo.”

<sup>4</sup>Embora a gramática, enquanto disciplina, tenha se desenvolvido a partir do período helenístico (séc. III a.C – II d.C.), considerações sobre a linguagem, no âmbito da dialética, são registradas em diferentes diálogos de Platão (o *Crátilo*, o *Sofista*, *Fedro* etc.) e em tratados de Aristóteles (*Poética*, *Categorias* etc).

Com o desenvolvimento da Filologia, os campos de atuação, tanto do *philologus*, quanto do *grammaticus*, já não se distinguem mais de forma clara, uma vez que este, de forma geral, era o responsável pela crítica e análise dos textos poéticos (κρίσις ποιημάτων), enquanto aquele era tido como guardião da cultura, sendo assim, denominado de erudito (FORTES, 2012, p. 93; NEVES, 1987, p. 106).

Nesse sentido, Auroux relata-nos que:

O nascimento da gramática não se pode dissociar do trabalho dos filólogos alexandrinos. Embora, no início, os trabalhos do filólogo e do gramático fossem distintos, com o tempo as tarefas, antes de exclusividade do filólogo, tais como a preservação e explicação dos textos, se tornaram parte da tarefa do gramático. Dessa maneira, o gramático se tornou aquele responsável pela conservação da tradição (e, portanto, da cultura) escrita. (AUROUX, 1993, p. 200).

Assim, a gênese da gramática é indissociável do trabalho dos filólogos da época helenística, e é decorrente, sobretudo, da necessidade de explicar e preservar textos antigos, utilizando-se de um instrumental próprio, i.e., a gramática (ἡ γραμματική). Além da atividade de preservação dos textos, cópia de manuscritos, comentários e críticas textuais, outras especulações em torno da linguagem, feitas no âmbito da lógica (BLANK & ATHERTON, 2006), saíram do domínio estritamente filosófico para o domínio gramatical (NEVES, 1987, p. 108-109) como, por exemplo, o estudo das partes da oração. Com isso, temos que a gramática não surgia somente daquela uma reflexão filológica ou textual, mas incorporava conceitos oriundos de domínios de outras técnicas, tais como a lógica e a retórica. No contexto romano, a gramática antiga pode ser entendida como o resultado de uma “transferência tecnológica”<sup>5</sup>, de fato, conforme acentua Law (1987, p. 12) “a história do estudo gramatical entre os romanos exemplifica a força e a continuidade da influência grega”<sup>6</sup>, o que se verifica com o fato de que “os críticos e comentaristas romanos adotaram o nome, o método, e os conceitos dos filólogos helenísticos, e aplicaram-nos nos estudos de obras escritas em latim”<sup>7</sup> (CANTÓ, 1997, p.741-742).

No entanto, entre os primeiros gramáticos romanos, como Varrão (séc. I a.C.) e os gramáticos que consolidaram o gênero na Antiguidade Tardia, tal como Donato, Diomedes e Prisciano, é preciso reconhecer que o gênero gramatical sofreu mudanças, período durante o qual a relação entre o grego e o latim, que, em sua origem, era a condição fundamental para a transferência técnica da gramática grega para a língua latina, teve diferentes implicações na constituição e desenvolvimento da *ars grammatica*, ponto que abordaremos no próximo item.

---

<sup>5</sup>Segundo Auroux (1992, p. 21): “quando falamos de origem, não se trata evidentemente de um acontecimento, mas de um processo que podemos delimitar num intervalo temporal aberto, às vezes consideravelmente longo. A origem de uma tradição pode ser *espontânea* ou resultar de uma *transferência* tecnológica. A tradição latina é o resultado de uma transferência, do mesmo modo que a gramática hebraica, como o estudo dos vernáculos europeus, ameríndios, africanos etc.”

<sup>6</sup>Cf. Law (1987, p. 12): “*The history of the study of grammar among the Romans exemplifies the strength and continuity of Greek influence.*”

<sup>7</sup>Cf. Cantó (1997, p. 741-742): “*los críticos y comentaristas romanos tomaran el nombre, el método y los conceptos de los filólogos helenísticos, y los aplicaran al estudio de obras escritas en latín.*”

## 2. A *ars grammatica* e os contatos interlinguísticos e interculturais entre Grécia e Roma

No contexto romano, a disciplina gramatical se integrou rapidamente ao processo escolar, sendo a escola do *grammaticus* uma etapa anterior à escola do *rheto*r (MARROU, 1975, p. 55). Uma das dimensões do ensino retórico e gramatical consistiu em reforçar um modelo de identidade linguística e cultural, que tivesse como núcleo comum os textos fundadores da poesia e prosa romanas. Esse modelo, que os romanos chamavam de *Latinitas*, poderia ser pensado, também, como uma resposta social, de caráter conservador, à crescente expansão territorial do Império, bem como ao plurilinguismo por ela acarretado, caracterizado, é verdade, pelas relações entre gregos e latinos, mas também pelo influxo de outras línguas e outros falares em Roma, oriunda de regiões mais afastadas do império e quase sempre sem o prestígio que o grego teve.

Nesse contexto, a disciplina gramatical ganhou reconhecimento<sup>8</sup>, sendo objeto de prestígio social que caracterizava o pertencimento a certa elite social, pois o gramático podia se mover nos altos níveis da sociedade romana (MCNELIS, 2010, p. 291). Esse fator se deve, em grande parte, à necessidade que a aristocracia tinha de manter o controle social sobre as outras camadas da sociedade, fazendo a manutenção de seu poder e autoridade através dos saberes retóricos e gramaticais (WALLACE-HADRILL, 1996, p. 107; *apud* MCNELIS, 2010, p. 291). Para manter esse propósito, a aquisição de habilidades linguísticas passou a ser uma prioridade no processo de escolarização romano (LAW, 1982a, p. 11).

Um dos aspectos que denotava o domínio de habilidades linguísticas era a possibilidade de trânsito nas duas línguas mais prestigiadas: o grego e o latim. A prática do *code-switching*<sup>9</sup>, expressa através do papel do bilinguismo<sup>10</sup>, tinha como finalidade fazer com que os alunos de retórica e de gramática pudessem ter acesso a um número maior de textos e, conseqüentemente, a uma cultura mais ampla. Esta aquisição de conhecimento produzia mais *status*, valor e honra para quem o possuía (MCNELIS, 2002, p. 71). Diante disso, a educação da aristocracia romana sempre manteve o ensino das duas línguas simultaneamente. É somente no século III d.C., que manuais bilíngües apareceram no ensino escolar. Esses

---

<sup>8</sup>Cabe aqui lembrar que a época imperial é marcada pelo estudo dos gêneros das *declamationes* e das *recitationes*, ou seja, exercícios fictícios meramente escolares que já haviam dominado os círculos literários romanos. Assim, o estudo da gramática passou a “rivalizar”, mesmo que de forma discreta, com estudo dessa “nova retórica”, cujas bases eram bem diferentes da prática de retórica e oratória do período republicano. Sêneca, o Velho é o maior representante desse movimento, sua obra consiste na divisão de dois gêneros mais utilizados na composição das peças judiciárias, sendo elas as *suasórias* e as *controversiae*.

<sup>9</sup>Segundo Calvet (2002, p. 154): “code-switching / alternância de código é a mudança de uma língua ou de uma variedade linguística por parte do falante segundo o contexto de interação social em que estiver envolvido”.

<sup>10</sup>Myers-Scotton (2006, p. 9): “**bilingualism is a natural outcome of the socio-political forces that create groups and their boundaries. There are two reasons why bilingualism grows in the soil in which culturally distinct groups and their languages flourish. First, this distinctiveness means that some groups command more social or economic prestige than others; when persons wish to join an attractive group, the entry fee is becoming bilingual in the language of the attractive group.**” **Second, some groups are more powerful than others, meaning they control desirable resources.**” (Tradução e grifos nosso): “o bilinguismo é uma consequência natural das forças sócio-políticas que criam grupos e suas fronteiras. Há duas razões pelas quais o bilinguismo cresce em uma região em que grupos culturalmente distintos e seus idiomas florescer. Em primeiro lugar, esta distinção significa que alguns grupos governam com mais prestígio social ou econômica do que outros; quando as pessoas desejam se ligar a um grupo atraente, a porta de entrada é tornar-se bilíngüe na língua do grupo atraente. Em segundo lugar, alguns grupos são mais poderosos do que outros, o que significa que eles controlam os recursos desejáveis.

manuais eram compilados em forma de vocabulário ou em forma de conversação (MARROU, 1975, p. 407-408), contendo de um lado o texto em latim e, do outro, o mesmo texto escrito em grego.

O “contato” estabelecido entre as línguas grega e latina<sup>11</sup> foi tão forte que o mestre de retórica Quintiliano<sup>12</sup>, na sua *Institutio oratoria* fez a seguinte afirmação:

Mas essa minha distinção diz respeito principalmente à língua grega; com efeito, tanto a língua romana em sua maior parte deriva dela, como também nos servimos de palavras confessadamente gregas quando faltam à nossa língua, do mesmo modo que os gregos por vezes no-las tomam de empréstimo.<sup>13</sup> (QUINTILIANO, *Inst or*, I, 5, 58).

Quintiliano, nessa passagem, nos fornece um conceito importante, o conceito de “empréstimo linguístico”. Na passagem em questão, a identidade entre as línguas grega e latina é tomada naturalmente por Quintiliano, que chega mesmo a considerar o latim uma “língua derivada do grego”. Ora, essa noção exemplifica exatamente o conceito com que os gramáticos posteriores trabalhariam do *utraque lingua*, isto é, “uma e outra língua”: conceito que matiza as diferenças entre os dois sistemas, em prol de uma identidade greco-romana conjunta. Além disso, observa-se que as relações entre uma e outra não possuem via única: tanto os latinos recorrem ao grego, como os gregos emprestam termos dos latinos, configurando relações de empréstimo recíprocas, embora, possivelmente, assimétricas.

Se adotarmos a definição de empréstimo dada por Calvet (2002, p. 31), observaremos que: “o empréstimo é um fenômeno coletivo: todas as línguas tomaram empréstimos de línguas próximas, por vezes de forma massiva...”. Assim, com o relato de Quintiliano e a definição dada por Calvet, percebe-se, então, que a noção de empréstimo adotada por Quintiliano, configura um fenômeno ligado à noção do *utraque lingua*, de grande fortuna crítica para a constituição do gênero gramatical latino. Com efeito, Desbordes (2007, p.220) argumenta que a “análise sistemática do latim, finalmente, resulta do contato com o grego, com a gramática grega e especialmente com os gramáticos gregos”<sup>14</sup>.

Embora, de forma ampla, o conceito do *utraque lingua*, conforme se torna constitutivo do discurso gramatical latino, permita abarcar, a partir de um conjunto limitado de instrumentos gramaticais, virtualmente quaisquer fenômenos de ordem fonológica,

---

<sup>11</sup>A língua latina não teve contato apenas com a língua grega, mas com inúmeras outras como, por exemplo, o osco e o úmbrio (ADAMS, 2004).

<sup>12</sup>Marcos Fábio Quintiliano, nasceu em Calagurre por volta do 30? d.C. Quintiliano foi mestre de retórica em Roma, tendo sido professor e tutor dos sobrinhos do imperador Domiciano e dos sobrinhos do cônsul Flávio Clemente (PEREIRA, 2006, p. 22).

<sup>13</sup>Cf. (Tradução de Pereira, 2006, p. 129) “*Sed haec diuisio mea ad Graecum sermonem praecipue pertinet; nam et maxima ex parte Romanus inde conuersus est, et confessis quoque Graecis utimur uerbis, ubi nostra desunt, sicut illi a nobis nonnum quam mutuantur*”. O verbo depoente *mutuantur* é o termo “técnico” utilizado por Quintiliano para designar o conceito de “empréstimo” linguístico-cultural entre o grego e o latim. Sendo, assim, podemos aproximar o conceito *mutuantur* do conceito de *borrowing/empréstimo*. O termo utilizado por Butler (1989, p. 105), em sua edição da *Institutio oratoria*, na tradução do latim para o inglês é “*borrow*”. Nesse sentido, podemos perceber que uma análise mais cuidadosa entre uma língua e outra já se apresentava como uma questão para os gramáticos latinos.

<sup>14</sup>Cf. Desbordes (2007, p. 220): “*l’analyse systématique du latin résulte finalement du contact avec le grec, avec la grammaire grecque et surtout avec les grammairiens grecs*”.

morfológica, sintática, semântica, etc., a ocorrer nas duas línguas em questão (DESBORDES, 2007; FORTES, 2012), do ponto de vista meramente linguístico, é fato que nem todos os domínios são, por assim dizer, exportáveis de uma língua a outra. Também esse fato parece não ter passado despercebido aos autores da Antiguidade. Um exemplo que podemos dar sobre isso é que em latim há o caso ablativo e em grego não; assim como em grego há artigo em latim não. Diferenças tais levaram os gramáticos latinos, de Varrão a Prisciano, a desenvolverem teorias e análises próprias, seja para justificar tais diferenças, seja para encobri-las (BARATIN, 1989).

No entanto, a noção de “empréstimo linguístico” vai além do conceito apresentado por Quintiliano mais acima. Como afirma Desbordes (2007, p. 217), a gramática chega a Roma como “um fato grego” e somente aos poucos tem sua terminologia adaptada por parte dos gramáticos romanos. Palemon (séc. I d.C.), por exemplo, foi o gramático da época imperial que adaptou o termo grego τέχνη para o termo latino *ars*, bem como colocou no centro da tradição gramatical a partes da oração (*partes orationis*) (BARWICK *apud* GUERRERA, 1997, p. 778). Além dessa adequação terminológica feita por Palemon, o próprio termo *grammaticus* foi consagrado como alternativa ao termo latino *litteratus*, como podemos ver no relato de Suetônio sobre essa questão:

A denominação de ‘gramáticos’ desenvolveu-se a partir do costume grego; mas no início eram chamados de ‘litteratos’. Também Cornélio Nepos, no livrinho em que distingue literato de erudito, afirma que, de fato, são chamados pelo povo literatos aqueles que são capazes de escrever ou dizer algo de forma diligente ou aprofundada; de resto, devendo ser chamados, assim, propriamente, de ‘intérpretes dos poetas’ aqueles que são chamados pelos gregos de gramáticos. (...) Porém, há aqueles que distinguem ‘litteratos’ (*litterati*) dos ‘mestres de letras’ (*litteratores*), assim como aos gregos soem distinguir gramáticos (*grammatici*) de mestres de gramática (*grammatistae*); aquele, de fato, estimam ser absolutamente culto, e este medianamente.<sup>15</sup> (SUETÔNIO. *De gram.*, 4, 2-5)

Além do poder e da influência que a figura do gramático passou a ter dentro da sociedade romana no contexto imperial, podemos observar também que algumas mudanças na própria constituição da disciplina são oriundas não só da influência que a cultura grega teve sobre a latina, mas também da expansão territorial do Império Romano. Em decorrência disso, o ofício dos gramáticos também teve significativa alteração nesse período, como nos alerta Bonner (1977):

A acumulação crescente de conhecimento que teve lugar no final da República e no início do Império, e que afetou primeiro as *scholarship* e, em seguida, o programa de ensino, também se refletiu em certas distinções que veio a ser aplicada dentro da própria profissão. Sob a República, ele parece ter sido bastante usual com o intuito de que a mesma pessoa ensina latim e grego; mas aos poucos, como inscrições

---

<sup>15</sup>Cf. *Appellatio grammaticorum Graeca consuetudine inualuit; sed initio litterati uocabantur. Cornelius quoque Nepos libello quo distinguit litteratum ab erudito, litteratos quidem uulgo appellari ait eos qui aliquid diligenter et acute scienterque possint aut dicere aut scribere, ceterum proprie sic appellandos poetarum interpretes, qui a Graecis grammatici nominentur. (...) Sunt qui litteratum a litteratore distinguant, ut Graeci grammaticum a grammatista, et illum quidem absolute, hunc mediocriter doctum existiment.*

mostram, veio sobre uma separação, e o *grammaticus Graecus* foi distinguido do *grammaticus Latinus*, cada um deles mantendo a sua própria província. Sob o Império, haveria mais gregos ensinando apenas grego, e mais romanos que se especializaram em latim. Por outro lado, também há inscrições em que não há outra especificação além de ‘gramático’, e ainda deve ter havido muitos que ensinaram as duas línguas.<sup>16</sup> (BONNER, 2012[1977], p. 57)

Na afirmação de Bonner, as especificidades que a profissão do gramático teve que desenvolver servem para demonstrar que a função desempenhada pelo gramático se tornou cada vez mais especializada em relação ao momento anterior da República, para se adequar a um Império cada vez maior. Houve, nesse contexto, um momento de “interiorização da disciplina gramatical” que chegou aos lugares mais distantes da sede do Império (SUETÔNIO, *De gram.* I, 3). Além disso, Marrou (1975, p. 396) parece concordar com a “separação” dos domínios grego e latino para efeitos de seu ensino: “o império romano não conheceu unificação linguística correspondente ao duplo movimento de unificação política e cultural (um oriundo de Roma, o outro da Grécia) que tão poderosamente ligara as duas metades do mundo mediterrâneo: continuará dividido em duas zonas de influência, cada uma adstrita a uma de suas duas línguas de cultura”. Contudo, a afirmação de Bonner e Marrou, que nos leva a assumir que, em alguns lugares – como, por exemplo, Roma, Nápoles e Milão – tenha existido uma tendência de separação desses dois profissionais, merece ser relativizada quando vislumbramos, em autor do século I d.C., como Quintiliano, a seguinte observação:

Tão logo a criança tenha aprendido bem a ler e a escrever, deve ser posta aos cuidados do gramático. E não importa se grego ou latino, pois o método é o mesmo para ambos, embora me pareça melhor começar com um grego. (QUINTILIANO. *Inst or*, I, 4, 1)<sup>17</sup>.

Considerando o testemunho de Quintiliano, podemos pensar que, se em algum momento houve uma distinção clara entre gramáticos gregos e gramáticos latinos, ao menos ela o seria quanto à disponibilidade geográfica de tais profissionais (digamos, nas duas zonas de influência majoritariamente latinófona e helenófona do Império), não propriamente quanto a uma distinção metodológica clara no que concernia à disciplina gramatical e o ofício de seu professor.

Não podemos deixar de frisar, no entanto, que, na passagem citada, Quintiliano atribui

---

<sup>16</sup>Cf. “The increasing accumulation of knowledge which took place in the late Republic and early Empire, and which affected first scholarship and then the teaching-programme, was also reflected in certain distinctions which came to be applied within the profession itself. Under the Republic, it seems to have been quite usual for the same person to teach both Latin and Greek; but gradually, as inscriptions show, there came about a separation, and the **Grammaticus Graecus** was distinguished from the **Grammaticus Latinus**, each of them keeping to his own province. Under the Empire, there would be more Greeks teaching only Greek, and more Romans who specialized in Latin. On the other hand, there are also inscriptions in which there is no specification beyond ‘**grammarian**’, and there must still have been many who taught both languages”. (Grifo e tradução nosso)

<sup>17</sup>Cf. Tradução de Pereira (2006, p. 85-86): *Primus in eo qui scribendi legendique adeptus erit facultatem grammaticis est locus. Nec refert de Graeco an de Latino loquar, quamquam Graecum esse priorem placet: utrique eadem uia est.*

um *status* mais elevado para o gramático grego (com o qual se deveria, preferencialmente, iniciar os estudos). Essa atribuição parece-nos ecoar a longa tradição de proeminência conferida à cultura grega, que se manifestara, por exemplo, na poesia, na célebre máxima de Horácio: “a cativa Grécia capturou o feroz vencedor e instituiu as artes no agreste Lácio”<sup>18</sup> (Hor. *Ep.* 2, 156-157). Em suma, em que pese uma especialização do gramático e seu ofício, o estudo das duas línguas em interrelação permanecia ativo em Roma.

No entanto, temos um contraponto crítico dessa relação no historiador romano Tácito (século II d.C), em sua obra *Dialogus de oratoribus*, na qual nos relata que:

mas agora, a criança recém-nascida é entregue a qualquer greguinha escrava, à qual se junta um ou outro dentre todos os escravos, na maior parte das vezes, o mais vil e inapto a qualquer ofício sério. Os ânimos imaturos e ingênuos são imediatamente imbuídos das histórias e dos descaminhos deles; ninguém há em toda a casa que se importe com o que se diz ou se faz diante do jovem patrão.<sup>19</sup> (TÁCITO, *Dial. de orat.*, XXIX. 1)

Para Tácito e, de certa forma, para a aristocracia de Roma, o tipo de influência almejada estava ligada aos valores morais (*mos maiorum*), os quais, no entanto, se poderiam pôr em perigo com a confiança irrestrita em professores “gregos”. Embora a afirmação permita alguma reflexão no que se refere também ao gênero do professor (com efeito, Tácito reclamaria de um professor grego, como o faz em relação à greguinha?), parece, no entanto, que aqui capitula o perene elogio da cultura grega, e se insinua uma reação tipicamente romana a essa influência, em um movimento que, de fato, já existia desde Cícero. Em todo caso, o contraponto crítico de Tácito faz emergir que, ainda à sua época, o ensino das primeiras letras, atribuído ao primeiro professor de gramática, o *grammatista*, ainda poderia estar em mãos gregas ou latinas, e ser realizado sob a égide de um bilinguismo, com o qual o “filho do patrão” convivia desde tenra idade.

## Considerações finais

Em síntese, o testemunho dos autores antigos da época imperial, entre os quais, especialmente, Quintiliano, Tácito e Suetônio evidenciam as relações entre a cultura grega e latina que vigoravam em Roma e tinham importantes consequências para a gramática antiga. Do ponto de vista teórico, os antigos já revelavam que do contato entre o grego e o latim despontava o fenômeno hoje conhecido como *code-switching*, isto é, os empréstimos entre as línguas, bem como demonstraram preocupação e consciência do papel do professor grego para a educação “linguística” do romano.

Se Cuche (1999, p. 10) estiver certo, ao afirmar que “a cultura permite ao homem não

---

<sup>18</sup>*Graecia capta ferum victorem cepit et artis/Intulit agresti Latio.*(Hor. *Ep.* 2, 156-157)

<sup>19</sup>*Cf.* Tradução de Martinez de Rezende & Castilho de Avellar (2014, p. 86-87): *At nunc natus infans delegatur Graeculae alicui ancillae, cui adiungitur unus aut alter ex omnibus servis, plerumque uilissimus nec cuiquam serio ministerio adcommo-datus. Horum fabulis et erroribus uirides statim et rudes animi imbuuntur; nec quisquam in tota domo pensi habet, quid coram infante domino aut dicat aut faciat.* (Grifo nosso).



somente adaptar-se a seu meio, mas também adaptar este meio ao próprio homem, a suas necessidades e seus projetos”, podemos dizer que também o antigo romano, a seu tempo beneficiou-se do contato linguístico e cultural existente entre sua cultura e a cultura grega, com a qual ela se funde, para administrar a formulação de seus saberes e suas práticas, impondo à antiga gramática e ao seu ofício, sua visão de mundo e interesses culturais.

### **The linguistic and cultural contact between the Greek and the Latin: reflexes in constitution of the grammatical discipline in Rome**

#### **ABSTRACT:**

This paper aims to present itself as the language contact between the Greek and Latin can help us understand the history of grammatical discipline in Rome. For this purpose, we use references present in Quintilian, Tacitus and Suetonius, such as the notion of linguistic borrowing, as well as *utraque lingua*. Our results show that the ancient Romans and Greeks searched to answer questions about language, not only researching linguistic contacts between each other, but also cultural contact. The theoretical assumptions underlying our work were taken from works of Calvet (2002), Baratin (1989), Law (1987), Adams (2004) and Desbordes (2007).

Keywords: ancient grammar; borrowing; linguistic contact

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

##### **Textos antigos**

ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A poética clássica*. Tradução de J. Bruna. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

QUINTILIANO. *The Institutio oratoria of Quintilian*. Edição e Tradução de H. E. Butler. Londres: Harvard University Press, 1989. 4 v. (Loeb Classical Library).

SUETÔNIO. *De grammaticis et rhetoribus*. Edição de R. Kaster. Oxford: Clarendon, 1995.

TÁCITO. *Diálogo dos oradores*. Tradução de Martinez de Rezende & Castilho de Avellar. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

VARRÃO. *De lingua Latina*. Edição de M.-A. M. Casquero. Barcelona/Madrid: Ánthropos/Ministerio de Educación y Ciencia, 1990.

##### **Textos modernos**

ADAMS, J.N. *Bilingualism and the Latin Language*. Oxford: Blackwell, 2004.

AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Tradução de Eni Orlandi. Campinas, UNICAMP, 1992.

- \_\_\_\_\_. (ed.). *Histoire des idées linguistiques*. Tome 2. Le développement de La grammaire occidentale. Paris: Mardaga, 1993.
- BARATIN, M. *La naissance de la Syntaxe a Rome*. Paris: Minuit, 1989.
- \_\_\_\_\_. Sur la structure des grammaires antiques. In.: DE CLERQ, J. & DESMET, P. (ed.) *Florilegium historiographiae linguisticae – Études d’historiographie de lalinguistique et de grammaire comparée à La mémoire de Maurice Leroy*. Louvain-la-Neuve: Peeters, 1994.
- BLANK, D.; ATHERTON, C. A contribuição estoica à gramática tradicional. In.: INWOOD, B. (Org.). *Os estoicos*. Tradução de Paulo Fernando T. Ferreira & Raul Fiker. São Paulo: Odysseus, 2006.
- BONNER, Stanley. *Education in Ancient Rome From the elder Cato to the younger Pliny*. New York/London: Routledge, 2012 [1977].
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução de Marcos Marciolino. São Paulo: Parábola, 2002.
- CANTÓ, J. Los *grammatici*: críticos literarios, eruditos y comentaristas. In.: CODOÑER, C. *Historia de la Literatura Latina*. Catedra, 1997.
- CONTE, G, B. *Latin Literature a History*. Trad.: J. B. Solodow. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1999.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.
- DESBORDES, F. *Concepções sobre a escrita na Roma Antiga*. Trad.: Fúlvia Maria Luíza Moretto e Guacira Marcondes Machado. São Paulo: Ática, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Idées grecques et romaines sur le langage – travaux d’histoire et d’épistémologie*. Lion: ENS editions, 2007.
- FAIRWEATHER, Jenet. *Seneca the Elder*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
- FORTES, F. S. A Linguística e sua História ou: como os linguistas olham para a Antiguidade. In: SILVA, R.G.A., FORTES, F.S. & SILVA, C.R.T. (Org) *Ciências Humanas em Debate*. Recife: EDUFRPE, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Sintaxe Greco-Romana: Prisciano de Cesareia e Apolônio Díscolo na História do Pensamento Gramatical Antigo*. Tese (Doutorado em Letras Clássicas). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2012.
- GUERREIRA, A. R. Los escritos grammaticales (y La erudición) em el siglo IV. In: CODOÑER, C. *Historia de la Literatura Latina*. Catedra.
- HAMERS, Josiane F. & BLANC, Michel H. A. *Bilinguality and Bilingualism*. 2ª ed. London: Cambridge University Press, 2000.
- HAVELOCK, Eric A. *Preface to Plato*. The Belknap Press of Harvard University: Press Cambridge, Massachusetts and London, England, 1963.
- HOLTZ, L. *Donatet la tradition de l’enseignement grammatical*. Étude sur l’*Ars Donati* et sa diffusion (IVe-IXe siècle) et edition critique. Paris: CNRS, 1981.
- JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do Homem grego*. Tradução Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- LAW, V. *The Insular Latin Grammarians*. Woodbrigde: The Boydell Press, 1987.
- \_\_\_\_\_. The historiography of grammar in the early Middle Ages. In: \_\_\_\_\_. (org.) *History of Linguistic Thought in the Early Middle Ages*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993b.
- MARROU, H.-I. *História da educação na Antiguidade*. Tradução de M. L. Casa Nova. 4. ed. São Paulo: MEC, 1975.

McNELIS, Charles. *Greek Grammarians and Roman Society during the Early Empire*. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/10.1525/ca.2002.21.1.67>. Acesso em: 05/02/2013 16:41.

\_\_\_\_\_. Grammatians and Rhetoricians. In.: DOMINIK & HALL. (Org.). *A Companion to Roman Rhetoric*. Oxford: Blackwell, 2010.

MYERS-SCOTTON, Carol. *Multiple Voices: An Introduction to Bilingualism*. Oxford: Blackwell, 2006.

MARTINHO, Marcos. *Dionísio da Trácia, Arte*. São Paulo: Letras Clássicas nº 11, 2007.

NEVES, M. H. de M. *A vertente grega da gramática tradicional*. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1987.

PEREIRA, M. A. *Quintiliano Gramático: o papel do mestre de gramática na Institutio oratoria*. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2006.

SCATOLIN, Adriano. *A invenção no Do orador de Cícero: um estudo à luz de Ad Familiares I, 9, 23*. Tese de Doutorado. FFLCH/USP. São Paulo: 2009.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história*. 4. ed. Trad. de Alda Baltar e Maria Auxiadora Kneipp. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

Data de envio: 13/05/2014

Data de aceite: 02/04/2015

Data de publicação: 03/08/2015